

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

*Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.*

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC) - cabines

## A menina dos livros

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 09/07/2014

---

P/1 – Bom, Priscila, primeiro eu queria te agradecer usar um pouquinho do seu tempo para nos contar sua história. Pra gente deixar registrado, eu queria que você falasse o seu nome completo, o local do seu nascimento e a sua data de nascimento.

R – Meu nome é Priscila Muniera de Oliveira, eu nasci em Nova Iguaçu, no dia dois de agosto de 1978.

P/1 – E qual que é o nome dos seus pais?

R – Jair Rodrigues de Oliveira e Selma Muniera de Oliveira.

P/1 – Me conta um pouquinho, você cresceu em Nova Iguaçu?

R – Nasci e cresci em Nova Iguaçu, sai de lá tem mais ou menos uns sete anos, por um motivo... um pouco triste, mas foi por um motivo assim, que são coisas que acontecem na nossa vida, que a gente muda, né, faz a gente mudar, que foi... o meu pai, ele teve um AVC, a gente saiu de lá, trouxe ele aqui para o Rio, veio aqui para Copacabana, depois Botafogo, para conseguir um tratamento melhor para ele.

P/1 – Como que foi a sua primeira infância lá em Nova Iguaçu, você lembra?

R – Foi... sempre na praça, apaixonada por livros, então eu sempre fui uma criança muito quietinha e gostava de ler, lia enciclopédia, lia tudo o que aparecia na minha mão, eu lia. Então, foi uma infância calma, não era de um rolé assim, não, era mais dentro de casa, estudando e lendo.

P/1 – E dessa sua infância assim, desses livros que marcaram a sua infância, tem algum que tenha ficado assim, aquele livro, de cabeça assim tem algum que você queira contar pra gente?

R – Não. O que marcou mais pra mim, foi assim, interessante que seja assim, mais chato, que a maioria das crianças não gosta, que é... como eu não tinha nenhum acesso a livros, minha família não tinha tanta... uma situação financeira boa e lá não tinha uma biblioteca, eu não tinha acesso à biblioteca, então eu falei que eu lia tudo o que caia na minha mão, o meu avô deixou pra gente uma enciclopédia Delta Larousse e a parte da Mitologia Grega e Romana era a parte que eu mais lia, então foi o que mais marcou na infância mesmo, foi isso. E o primeiro livro que eu li, que eu lembro que foi um livro de quinhentas e poucas páginas, eu tinha 11 anos, foi um livro que chamava “Caim e Abel”, até um livro que não era pra criança, mas como caiu na minha mão, eu li, também foi um outro que marcou, que era a historia de dois... duas pessoas, que cada capítulo era a historia de dois homens, né, desde a infância até a vida adulta e cada capítulo contava a historia de um e no final, entrelaçava. Então, esse livro também marcou muito a minha vida.

P/1 – Qual que é a atividade profissional dos seus pais?

R – Meu pai é professor e minha mãe, do lar

P/1 – E esse pai professor assim, teve alguma influencia...?

R – Não, pelo contrário, foi a mãe, do lar que teve influência nessa... nesse gosto da leitura.

P/1 – Ela também gosta de ler?

R – Demais! E palavras cruzadas, então sempre esteve presente na minha vida assim, então... a influencia veio da mãe e não do pai, o meu pai era professor de Química, Física e Matemática, então não tinha muita leitura, e sim cálculos.

P/1 – E como que foi a mudança pro Rio?

R – A mudança pro Rio foi assim, foi aquele susto, pai doente e vamos mudar, vamos mudar e fomos, a minha vida foi sempre assim: em 20 minutos, tudo pode mudar! E isso me deu uma flexibilidade muito grande, então eu vou, mudamos, mudamos para um lugar novo e de peito aberto, a gente adorou a mudança e a minha vida é sempre assim, essas mudanças são... foram sempre assim, né, sempre mudam, né, drasticamente, né?

P/1 – Tinha alguma coisa que você queria ser quando crescesse? Algum sonho assim, de criança?

R – Quando eu era criança, muito engraçado, a minha vida profissional e essa coisa de querer ser, quando eu era criança, eu queria ser secretária, executiva, bilíngue. Ai, eu fiz Biomedicina, nada a ver, desisti desse sonho quando era criança, e fui fazer Mestrado, comecei um Doutorado com Bolsa, com dois anos de Doutorado, meu pai ficou doente e eu vi que eu não podia mais depender de Bolsa, de estudos, que eu precisava ter uma carreira com salário, que eu precisava manter e também, ajudar a minha família. Então, eu larguei o Doutorado com dois anos e comecei a ir para o mundo corporativo e o primeiro emprego que eu consegui no mundo corporativo, que eu consegui adaptar o meu currículo, foi como secretária executiva da vice-presidência e diretoria, eu já comecei já... então, a minha vida assim, eu sai de doutoranda em Biologia Molecular para virar uma secretária. E nisso, o que eu mais gostei nisso tudo, porque como doutorando é uma área de pesquisa, você fica assim, limitada a um grupo de pessoas, e quando eu fui ser secretária, eu tive que lidar com muitas pessoas, isso pra mim, não fazia parte da minha vida assim, porque eu sempre fui uma criança recaída em livros, eu sempre tive a experiência com livros, apesar de ter vários amigos, apesar de... mas assim, contato com pessoas mesmo eu consegui depois que eu mudei de profissão, que ai, abriu o leque, que você como secretária, você decepciona as pessoas, você fala com muita gente, você tem que lidar com a empresa inteira e eu tô numa empresa grande, então essa coisa com pessoas pra mim, foi bem marcante nessa mudança de profissão. Eu pude lidar com elas, né, com pessoas diferentes, com ambições diferentes, com visões diferentes.

P/1 – Priscila, deixa eu te perguntar, quando você tava terminando a escola, chegou a hora de você decidir o que você ia fazer, o que mais influenciou a sua escolha, por que você fez essa escolha?

R – Eu gostava de História, no caso, Mitologia e gostava da Biologia. Foi uma história de lêmures, que o meu professor de Biologia contou, que eu achei tão fantástica, que eu fiquei apaixonada, que ele contava uma história que os lêmures se suicidavam, os velhinhos, os lêmures mais velhos e os lêmures mais doentes, eles se sacrificavam em prol de instinto. E eu achei tão fantástica essa história assim e comecei a olhar a evolução, comecei a olhar tudo, ai que eu decidi pela Biologia.

P/1 – E conta pra gente, você tem alguma lembrança de Correios, relacionada a carta, carteiro...?

R – Não. De infância, não, eu tenho mais atual. Eu tenho... eu tenho uma relação com cartas muito... que eu gosto muito, que é da minha religião, que é espiritismo, que a gente trabalha com psicografismo, são cartas, não são entregues pelos Correios, mas são cartas assim, que estão na nossa religião, são mensagens que a gente passa. Então, ver a emoção das pessoas quando elas recebem essas cartas é muito... é gratificante, é impressionante, né, porque você manda mensagens de amor. E também, que eu fiz uma viagem, que pra mim foi muito marcante, troquei experiência com o carteiro, que eu mandei cartões postais nessa viagem, que foi uma viagem pra mim, muito forte e eu decidi que eu não ia mandar e-mail, decidi mandar cartões postais. Minha melhor amiga, ela ficou surpresa, ela disse que ela não esperava: “Eu espero um e-mail, espero um torpedo, um telefonema, mas eu nunca esperei de você, um cartão postal”, e ela ficou muito emocionada com isso. Então, a minha relação com cartas e cartões e Correios é mais atual do que antigamente, porque eu estava próxima da minha família, eu não tinha na infância, essa questão de carta, não precisava. Agora, atual assim, nessa viagem, eu vi como é legal você mandar, porque fica guardado, não é uma coisa eletrônica, né?

P/1 – Conta um pouquinho dessa viagem pra gente.

R – Essa viagem foi a realização de um sonho, eu fiz o Caminho de Santiago, então eu fiz o caminho francês inteiro em 30 dias, então foi uma viagem que a gente... de autoconhecimento, de testes de limites, então foi uma viagem assim, muito... muito importante ao extremo, né, foram 30 dias andando, com o meu marido, sem ele, eu acho que eu não teria feito, foi no susto também, foi uma mudança, a gente comprou um livro, a gente leu esse livro: “Não, vamos fazer”, em três meses a gente tava indo, então, foi assim... essas mudanças grandes e passei 30 dias no caminho, 30 dias andando, 30 dias na chuva, sol, neve, com tudo. E 30 dias lidando com pessoas assim, com histórias magníficas, porque não é... assim, você tem que ter um motivo que te leve a ir lá, né, o meu marido foi... o motivo dele foi superar limites físicos, o meu foi encontrar pessoas. Acho que é por isso que eu dei esse depoimento, porque eu queria encontrar pessoas, quando eu vi esse número de pessoas, eu falei: “Não, vou participar”. Eu acho assim, histórias incríveis que a gente encontra.

P/1 – Priscila, conta pra gente, como que você veio parar aqui na Brasilianas?

R – (risos) Na Brasiliana foi o meu marido, que colecionava selos, ele parou de colecionar tem dez anos, mas ele sempre falou nessa paixão que ele tinha e foi como um... assim, um presente pra ele: “Não, hoje eu vou com ele nessa exposição”.

P/1 – E você tem assim, essa coleção dele, ele ainda guarda?

R – Ele guarda, mas nunca me mostrou.

P/1 – Nunca te mostrou?

R – Nunca me mostrou (risos).

P/1 – E agora, me fala um pouquinho pra gente do teu trabalho atual, assim?

R – Agora, eu trabalho com Investimentos, nada a ver com o que eu fazia antes. Estou terminando a minha nova faculdade, em Gestão Financeira e vamos lá, a gente tá indo... foram aparecendo chances pra mim, eu era secretária, como secretária, fui chamada para trabalhar na área de investimentos mesmo sem experiência e tô todo dia lutando pra uma nova chance e pra merecer esse apoio que me deram. Tô indo, Gestão de Investimentos!

P/1 – E os sonhos e aspirações para o futuro?

R – Sonhos? Eu tenho! Tenho, o meu sonho é dar a volta ao mundo. Viajar, dar a volta ao mundo, esse é o meu sonho.

P/1 – Tá bom, muito obrigada Priscila. Se tiver mais alguma coisa que você queira deixar registrada... a gente agradece em nome da parceria do Museu e dos Correios.

FINAL DA ENTREVISTA